

“NOSSO TRABALHO EM CURSO”

Lúcia S. Nazareth Pompéia

Os alunos que procuram o curso de Integração Psico-Física vêm, na maioria deles com a noção intuitiva de que é importante conhecer e integrar o corpo à Psicologia, como conceito e vivência. Eles querem aprender as técnicas usadas e se surpreendem ao perceber que o que querem não poderá ser feito de forma mecânica e passiva como receituário para os males das tensões. Eles tem informações anteriores sobre o curso, mas mesmo assim estão sujeitos aos automatismos de receber e reproduzir conhecimentos.

Nós corremos o risco, pelo fato de ensinarmos técnicas de terapias corporais de cair nesse ensino mecanicista e cheio de automatismos.

A palavra técnica causava um incômodo por todos os seus atuais vínculos e era preciso entendê-la melhor. Nos dicionários etimológicos encontra-se a referência para a origem grega da palavra, *techne*, que significa simplesmente arte, habilidade. Nos dicionários comuns há a seguinte definição: o conjunto de procedimentos ou processos de uma arte. Essas definições resgataram a finalidade criativa da técnica, que procurávamos. Não há arte sem processo criativo. Não há processo criativo sem liberdade de expressão. Não há liberdade de expressão onde a crítica normativa dita a moda do pensamento.

O nosso trabalho inspira-se no método calatônico criado por Pethő Sandor. O nosso embasamento teórico está na linha junguiana. Em linhas gerais, o processo calatônico busca a regulação necessária para cada organismo, considerado nos seus aspectos físicos e psíquicos, não tendo portanto um padrão definido de expectativas (só para reafirmar o conceito, a palavra calatonia deriva do grego, *khalaó*, que tem vários significados: relaxação, alimentação, afastar-se do estado de ira, abrir uma porta, desatar

as amarras, perdoar os pais, deixar ir - imagens sugestivas...). A idéia aí contida alia-se naturalmente ao conceito de individuação que conceitua o trajeto de desenvolvimento de cada indivíduo na revelação de suas potencialidades próprias, confrontadas com o mundo.

Outra fonte de inspiração é um trecho do livro Mundo Ígneo: “A habilidade de observar é uma das principais qualidades ígneas, mas ela não se alcança facilmente e se acumula tão lentamente quanto a consciência. Vós observastes corretamente que a consciência se fortalece na vida, do mesmo modo que se fortalece a habilidade de observar. Não pode haver consciência abstrata, nem mesmo a observação teórica. Mas a distração humana é monstruosa; ela cria um certo mundo irreal.”...

Com essas premissas, nosso primeiro trabalho com o aluno é conhecê-lo: saber como ele pensa, como observa, como sente, como reage e que encorajamentos necessitará para expressar-se na sua própria forma.

A maior parte dos alunos pretende ser psicólogo clínico em consultórios ou instituições; alguns não tem ainda um campo de trabalho tão definido. O curso não pretende dirigi-lo para um campo de trabalho específico, embora o estágio aconteça na clínica. Nossa preocupação é treiná-lo na sua atitude como profissional, desenvolvendo sua habilidade de observar-se e aos outros, e agir de uma maneira integrada.

Os alunos de quinto ano ainda tem medo de dizer o que pensam no grupo, outros não sabem dizer o que observam e outros tem uma preguiça de dependência. Poucos chegam com uma curiosidade sadia e alguma segurança. Há um certo vício ansioso de ter uma explicação imediata para os fenômenos que nem foram ainda suficientemente observados.

Embora o curso informe o aluno sobre as diferentes linhas e abordagens no trabalho com o corpo, é priorizado o ensino vivencial para nos dar a garantia do desenvolvimento dessa capacidade de observação atenta e crescente no aluno, porque ele, aluno, é o seu próprio instrumento de trabalho nesse complexo campo de trabalho que é a Psicologia. Pretendemos também evitar os automatismos cristalizantes.

No ensino vivencial propomos uma participação compartilhada no aprendizado das técnicas e conceitos. O trabalho no grupo solicita a presença de cada indivíduo com uma atitude introspectiva para facilitar a auto observação, e solicita também o relato de suas elaborações para o grupo.

Nosso primeiro obstáculo nesse trabalho é a crítica. A crítica do professor, do colega, ou a própria, seja ela explícita ou não, é um fator inibidor nos trabalhos de grupo em que todo mundo é solicitado a expor-se. Uma crítica preconcebida impede uma livre manifestação, porque já vem com um roteiro do que deve ser observado, dito ou pensado. No entanto é também um desconforto para o aluno, no início, essa ausência de roteiro porque exige dele uma consciência presente o tempo todo.

A execução das atividades que visa o aprendizado das técnicas tem um padrão de certo ou errado, mas as reações decorrentes delas, não. A investigação e elaboração de alguns conceitos exigirá do aluno uma exploração, inicialmente interna, que também não tem roteiro. Durante o aprendizado das técnicas e da investigação dos conceitos é solicitado ao aluno, mesmo que queira ser expectador, que esteja atento ao que ocorre consigo, observando suas reações em silêncio, evitando comentários que dispersem sua atenção e a do colega. Durante o relato de suas observações e conclusões é pedido aos outros que observem as repercussões em si mesmos ao que estão ouvindo. O aluno que relata não será interrompido nem pelo professor nem pelos colegas até o final de sua exposição; não será também questionado, mas encorajado e reorientado se for o caso.

Esta forma de trabalho foi inicialmente executada por Galeotti, I. em grupos terapêuticos. Infelizmente não temos um relato escrito do seu trabalho, mas felizmente temos várias pessoas trabalhando sob sua influência. Ela havia batizado seu trabalho de terapia individual de grupo. Quando o terapêutico e o pedagógico se fundem, como aponta Farah, R.⁽¹⁾ no seu livro, só haverá vantagem para o aluno. Não é também nossa intenção trabalhar terapeuticamente com o aluno mas, como já foi apontado, elaborar um trajeto com o aluno na sua própria referência,

dando o espaço para que ele se revele.

Temos experimentado essa nossa forma de trabalho conforme os grupos vão se configurando, nas aulas e nas supervisões do estágio na clínica. Nas aulas trabalhamos com grupos de 8 a 20 alunos. É claro que nos grupos menores (8 a 14), com tempo limitado da aula, e com o espaço limitado da sala, ganha-se em profundidade e qualidade. Com o tempo e espaço adequados ao trabalho, grupos maiores abrem uma observação e vivência mais acurada da "psicodiversidade". Independente do tamanho do grupo, temos observado que o aluno consegue superar sua impaciência para ouvir o outro no tempo do outro, e saber do seu próprio tempo e espaço, desenvolvendo no grupo um clima cooperativo e de respeito mútuo. Consideramos que isso não seja um ganho apenas para que o trabalho possa se desenvolver num bom clima, mas um instrumento que o aluno aprende a manejar a partir de si mesmo que reflete em corretas relações pessoais e profissionais.

NOTAS:

* Sobre o Núcleo Integração - Psico-Física (I.P.F.) na P.U.C.

1 Farah, Rosa M. - "Integração Psico-Física"- O Trabalho Corporal e a Psicologia de C.G. Jung.", Robe Editorial, SP, 1995.